ENTRE ALFABETIZAR E LETRAR: PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS

[1]Beatriz Lisboa; [2]Jacinta de Fátima Tavares Pereira; [3] Thainara Fernandes da Silva; [4]Raquel Leão de Bastos

[1]Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras – PB, Brasil. beatriz.lisboa@estudante.ufcg.edu.br

[2] Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras – PB, Brasil. jacintatavaresp18@gmail.com

[3] Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras – PB, Brasil. thainarafernandesmc@gmail.com

[4] Professora Adjunta do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras - PB, Brasil. leaodebastos@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar as aproximações e distanciamentos entre alfabetização e letramento, destacando o papel do professor nesse processo formativo. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza narrativa e descritiva, articulando revisão teórica com relatos de experiência oriundos do resgate de memória realizado na disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Campus Cajazeiras – PB. O referencial teórico fundamenta-se, principalmente, nas contribuições de Soares (2004) e Freire (2003), que compreendem a alfabetização como o ensino do sistema de escrita alfabética e o letramento como a inserção do sujeito nas práticas sociais de leitura e escrita. Os resultados evidenciam que, embora distintos, alfabetização e letramento são processos indissociáveis, devendo ocorrer de forma articulada no contexto escolar. Os relatos analisados demonstram que a aprendizagem da leitura e da escrita ultrapassa o ambiente escolar, sendo influenciada por experiências sociais e culturais. Assim, o estudo evidencia a importância de práticas pedagógicas que integrem alfabetização e letramento, considerando o contexto sociocultural dos alunos e o professor enquanto mediador do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A alfabetização e o letramento constituem processos fundamentais na formação dos sujeitos, especialmente no contexto dos anos iniciais da escolarização. Compreender as especificidades e relações entre esses conceitos é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais significativas, que ultrapassem a simples decodificação da escrita e promovam a inserção dos alunos em práticas sociais de leitura e escrita.

Este estudo surgiu a partir das discussões realizadas na disciplina de Fundamentos e Metodologias do Ensino da Língua Portuguesa, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Durante atividades propostas em sala, especialmente a produção de narrativas sobre memórias de alfabetização, evidenciou-se a dificuldade inicial em distinguir alfabetização de letramento, uma vez que essas experiências estavam, em grande parte, associadas apenas ao processo mecânico de aprender a ler e escrever.

De acordo com Paulo Freire (2002), o ato de ler não se resume à decodificação pura da palavra escrita, destacando que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Segundo Soares (2004), com a insuficiência de recursos para criar objetivos e procedimentos para ampliar o significado de alfabetização, alfabetizar e alfabetizado, se justificou o surgimento e a necessidade do termo letramento. Dessa forma, o conceito de letramento passa a destacar os comportamentos e práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, ou seja, saber usar a escrita em diferentes situações da vida social.

Assim, compreender esses processos de forma integrada é essencial para promover uma educação crítica, reflexiva e socialmente significativa. Diante dessa problemática, o presente artigo tem como objetivo analisar as diferenças e relações entre alfabetização e letramento, refletir sobre o papel do professor nesse processo e compreender, a partir de relatos de experiência, como esses conceitos se manifestam na prática. Para isso, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza narrativa e descritiva, articulando contribuições teóricas com vivências formativas das autoras.

1. Alfabetização e Letramento: discussões necessárias

O processo de alfabetização e letramento constitui uma etapa fundamental no itinerário formativo do indivíduo, uma vez que possibilita não apenas a aquisição da leitura e da escrita alfabética, mas também a compreensão e a utilização dessas habilidades nos diferentes contextos sociais. Nesse sentido, esses processos assumem um papel essencial no desenvolvimento cognitivo, social e cultural do sujeito, contribuindo para sua inserção ativa na sociedade. Durante muito tempo, a alfabetização foi compreendida apenas como o domínio do código escrito, baseada em práticas pedagógicas mecânicas, centradas na repetição, memorização e decodificação de palavras, desconsiderando o significado e a função social da linguagem escrita. Nesse contexto, emerge o conceito de letramento, que amplia o significado da alfabetização ao considerar o uso social da leitura e da escrita. De acordo com Soares (2004, p. 96), o letramento,

> [...] pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassam o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização.

Essa nova definição, surge diante das limitações existentes da palavra alfabetização, visto que o domínio da leitura e escrita com o passar do tempo, foi adquirindo uma função de uso social, superando a perspectiva tradicional do ensino, que resumia a alfabetização apenas a decodificação do sistema de escrita alfabética. Corriqueiramente, esses dois processos têm sido resumidos a uma única ação, no entanto a autora destaca que estas ações se referem a processos distintos, visto que alfabetização se configura na aquisição da escrita convencional, já o letramento refere-se à aplicação dessas habilidades em práticas sociais (SOARES, 2004). Conforme assegura Soares (2004, p. 97):

> [...] embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

Assim sendo, apesar das diferenças existentes entre alfabetização e letramento, esses dois processos dependem um do outro, haja vista que a alfabetização só adquire sentido quando integrada na realidade social dos indivíduos e o letramento evolui a partir do domínio

do sistema alfabético. A partir dessa perspectiva, compreende-se que não basta apenas alfabetizar, é necessário letrar, ou seja, promover situações em que o aluno possa utilizar a leitura e a escrita de forma significativa em sua vida cotidiana. Isso implica repensar as práticas pedagógicas, superando metodologias tradicionais e desenvolvendo estratégias que favoreçam a participação ativa do educando no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, Ferreiro e Teberosky (1999) trouxeram importantes contribuições ao demonstrarem que a criança constrói ativamente o conhecimento sobre a escrita, elaborando hipóteses a partir de suas interações com o meio social. As autoras evidenciam que a aprendizagem da escrita não ocorre de forma mecânica, mas por meio de um processo gradual de construção cognitiva. Dessa forma, a criança deve ser compreendida como sujeito ativo, que participa da construção do próprio conhecimento, e não como um mero receptor de informações.

Corroborando essa concepção, Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento da aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, sendo o professor um mediador fundamental nesse processo. Para o autor, o conhecimento é construído na relação entre o sujeito e o meio, por meio da linguagem, do diálogo e das experiências sociais. Dessa forma, o processo de alfabetização deve considerar o contexto sociocultural do aluno, valorizando suas experiências e promovendo uma aprendizagem significativa.

Além disso, Freire (2002) enfatiza que a alfabetização deve estar relacionada à realidade do educando, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica. Segundo o autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, evidenciando que o indivíduo já possui conhecimentos construídos antes mesmo de ingressar no ambiente escolar. Dessa forma, o processo de alfabetização deve partir da realidade do aluno, possibilitando que ele compreenda o significado da leitura e da escrita em sua vida.

Nessa perspectiva, o letramento assume um papel fundamental na formação de sujeitos críticos e autônomos, pois permite que o indivíduo utilize a leitura e a escrita como instrumentos de participação social. Soares (2004) destaca que o letramento possibilita ao sujeito não apenas ler e escrever, mas compreender, interpretar e produzir textos em diferentes contextos, contribuindo para sua formação cidadã.

Dessa maneira, compreende-se que alfabetização e letramento são processos complementares e indispensáveis no processo educativo. Quando desenvolvidos de forma articulada, possibilitam ao indivíduo não apenas aprender o código escrito, mas também compreender sua função social, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da participação ativa na sociedade. Assim, a escola desempenha um papel fundamental nesse

processo, sendo responsável por promover práticas pedagógicas que integrem alfabetização e letramento, contribuindo para a formação integral do educando.

2. A importância da alfabetização e do letramento nos anos iniciais: caminhos para a formação de sujeitos emancipados

A alfabetização e o letramento constituem processos fundamentais no desenvolvimento educacional das crianças, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, fase em que o aluno começa a construir, de forma sistemática, suas habilidades de leitura e escrita. Durante muito tempo, o ensino esteve fundamentado em concepções pedagógicas tradicionais, nas quais o professor era considerado o centro do processo educativo e o aluno assumia uma posição passiva. Conforme o Instituto Nacional de Ensino a Distância (INEAD, [s.d.], p. 8), os métodos tradicionais focavam na procura de uma didática que o satisfizesse, sendo que o docente era considerado o responsável pelo processo de ensino e aprendizagem. Em momento algum o aluno era visto como o protagonista deste percurso.

Nesse contexto, o currículo escolar era estruturado de forma rígida, linear e sistemática, com ênfase na memorização e na repetição de conteúdo. O aluno era visto como um receptor de informações, sem que seus conhecimentos prévios fossem considerados. Em consonância com o INEAD ([s.d.], p. 9), a aprendizagem era vista como um acúmulo de informações recebidas do ambiente, sem que a criança necessitasse pensar e compreender aquilo que lhe era transmitido. As atividades propostas eram extremamente limitadas e pouco reflexivas. Partindo desta ideia, deduz-se que o educador tradicional acreditava que ele era a única fonte que forneceria conhecimento, agindo assim como um transmissor de informações.

Com o surgimento das teorias construtivistas, essa concepção passou a ser questionada, valorizando o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Como já observamos, Ferreiro e Teberosky (1999) afirmam que a criança constrói o conhecimento sobre a escrita a partir de suas interações com o meio social, formulando hipóteses e atribuindo significados ao sistema de escrita. Sendo assim, o processo de alfabetização deixa de ser mecânico e passa a ser compreendido como uma construção social ativa do sujeito. Vygotsky (1998), já destacava que o desenvolvimento cognitivo ocorre por meio da interação social, lembrando aqui, mais uma vez, o professor como mediador desse processo, favorece as aprendizagens a partir do diálogo, da reflexão e da construção coletiva do conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento das capacidades intelectuais do educando.

Magda Soares (2004) contribui significativamente ao diferenciar alfabetização e letramento. Segundo a autora, alfabetizar é ensinar o sistema de escrita, enquanto letrar é inserir o indivíduo nas práticas sociais de leitura e escrita. Para Soares (2004), esses processos são indissociáveis, pois não basta apenas ensinar a ler e escrever, é necessário possibilitar que o aluno utilize essas habilidades em seu contexto social.

Freire (2002, p. 11) afirma que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", evidenciando que o indivíduo já possui conhecimentos construídos antes mesmo de ingressar na escola. Dessa forma, é fundamental que o professor considere os saberes prévios dos alunos, promovendo uma aprendizagem significativa. Para Freire (2002), a educação deve contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de compreender a realidade e transformá-la.

Dessa maneira, a alfabetização e o letramento, quando desenvolvidos de forma significativa, contribuem para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e autônomos. Esses processos vão além da aprendizagem do código escrito, possibilitando ao indivíduo participar ativamente da sociedade e exercer sua cidadania de forma consciente. Na próxima sessão vamos dialogar sobre nossos resgates de memórias em relação aos processos de alfabetização e letramento, vivenciados por nós.

3. Relato de experiência: (re)escrita do processo de Alfabetização e Letramento

A aluna **Jacinta** destaca que o seu processo de alfabetização, teve início na fase pré-escolar, por volta dos 4 a 5 anos de idade. Essa etapa foi marcada pela descoberta das vogais, do alfabeto, dos números e da leitura de pequenas palavras. Inicialmente, após a primeira produção textual, percebi que compreendia a alfabetização e o letramento como um único fenômeno, no entanto após as discussões em sala dos textos propostos pela professora pude perceber que o letramento já estava presente antes mesmo de adentrar o ambiente formal de ensino.

Nessa perspectiva, ao lançar-me diante de minhas memórias, retorno às épocas chuvosas em que meu pai costumava plantar milho e feijão em uma propriedade da família, localizada no sítio Junco. Quando era dia de plantio, o acompanhava juntamente com os meus irmãos. Enquanto eles plantavam, observava atentamente a maneira como eles preparavam a terra, como selecionavam as sementes, como definiam o quadrante da terra, tudo isso baseado nas experiências que meu pai teve outrora com meu avô. Diante desse cenário, constituía-se em mim uma leitura de mundo pautada no saber do trabalho do homem do campo. Meses

depois, após a colheita, papai realizava o quantitativo das sacas de feijão e quantos seriam engarrafados, a pedido dele anotava os valores correspondentes para posteriormente compará-los com os da colheita passada.

Assim, de maneira natural, estavam sendo introduzidas as práticas de organização, quantidade e registro baseadas nas experiências do cotidiano familiar. Na realização das atividades de casa, recordo-me com bastante carinho, que todos os dias minha mãe reservava um horário na parte da tarde, para estudar comigo a leitura na cartilha e realizar as atividades escritas no caderno. Sem dúvida, esse apoio contribuiu de forma significativa para o meu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, aspectos estes que são fundamentais no processo de ensino-aprendizagem da criança.

Desta forma, meu processo de alfabetização e letramento, foi marcado por experiências advindas de um modelo tradicional de ensino, que tinha ênfase em aulas expositivas, em aplicação de atividades de fixação, provas individuais, leitura na cartilha e memorização da tabuada. Não obstante, todas essas experiências e os atores sociais que me conduziram durante esse processo, foram fundamentais para o desenvolvimento das minhas habilidades físicas, cognitivas, afetivas e morais.

A aluna **Beatriz** destaca que recordar seu processo de alfabetização e letramento é revisitar uma trajetória marcada por desafios, limitações estruturais e metodológicas, mas também por superação e aprendizagens significativas. Cresci na área rural de Triunfo, na Paraíba, e estudei em uma escola municipal multisseriada, com estrutura simples, de apenas uma sala e poucos recursos pedagógicos. Filha de agricultores analfabetos funcionais, vivi um contexto em que o acesso à cultura letrada era restrito, e a escola representava um dos poucos espaços de contato com a leitura e a escrita.

Durante a Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino Fundamental, o ensino era predominantemente tradicional, baseado na cópia, repetição e memorização. Meu processo de alfabetização esteve dissociado do letramento, pois aprender a ler e escrever significava apenas decodificar sílabas e palavras, sem compreender seus usos sociais. A ausência de um ambiente alfabetizador com pouca diversidade de textos, inexistência de biblioteca e escassez de materiais escritos tornou minha aprendizagem mecânica e pouco significativa. Além disso, por se tratar de uma turma multisseriada, a atenção da professora era dividida entre diferentes anos escolares, o que dificultava o acompanhamento individualizado e intensificava minhas inseguranças diante das dificuldades na leitura.

Tive muita dificuldade para aprender a ler e, por vezes, senti frustração ao perceber que meus colegas avançavam enquanto eu permanecia insegura, e me recordo que meus pais

não conseguiam me ajudar nas atividades de casa, por serem semianalfabetos e não compreenderem as atividades. A superação ocorreu apenas no 3º ano, quando, após uma situação constrangedora, decidi, por iniciativa própria, dedicar-me à leitura com o pouco que conhecia das sílabas e palavras. Passei a praticar diariamente, avançando gradativamente também na escrita. Esse momento marcou não apenas a consolidação da minha alfabetização, mas o início de um letramento mais significativo, pois comecei a compreender a leitura e a escrita como práticas presentes em minha vida cotidiana.

Ao refletir sobre essa trajetória, reconheço a importância de um ambiente alfabetizador intencional, da formação adequada do professor e da necessária integração entre alfabetização e letramento. Estudar em uma escola multisseriada da zona rural ampliou minha compreensão sobre o papel fundamental da educação e do professor na vida dos alunos, especialmente em contextos marcados por limitações estruturais e pedagógicas. Apesar das dificuldades, aquele espaço simples foi decisivo na construção dos meus valores, ensinando-me perseverança, paciência e superação. Aprender a ler, escrever e compreender a função social da escrita, após tantas tentativas, representou mais do que uma conquista escolar: foi uma vitória pessoal que carrego comigo e que reafirma, diariamente, o poder transformador da educação.

A aluna **Thainara** destaca que seu processo de alfabetização e letramento ocorreu em fases distintas da sua vida. Ao relembrar esse processo, me faz perceber que cada etapa foi um passo importante para a contribuição da pessoa que sou hoje e para aquela que ainda quero me tornar, lembro que a sala de aula era sempre enfeitada com vogais, números e datas de aniversário dos estudantes, embora não fossem utilizados como recursos pedagógicos. Minha professora que me ajudou no processo de alfabetização adotava um método tradicional, priorizando a repetição e a memorização dos conteúdos. Ainda assim, reconheço o quanto seu ensino foi significativo, pois, com paciência, ela respeitava o tempo de aprendizagem de cada aluno.

Em casa, sempre contei com o apoio dos meus pais, especialmente da minha mãe, que, quando podia, me ajudava nas atividades escolares. Quando finalmente consegui ler sozinha e transcrever para o caderno aquilo que a professora ou outra pessoa falava, senti uma grande alegria, pois percebia que finalmente estava conseguindo acompanhar todos da sala. Apesar disso, ainda apresentava dificuldades em relação à acentuação e à pontuação, mas nada que me impedisse de continuar aprimorando minha aprendizagem.

Ao refletir sobre alfabetização e letramento, percebo que o letramento sempre esteve presente em minha vida. Quando acompanhava minha mãe à escola onde ela trabalhava como merendeira, observava ela a realizar o controle dos alimentos que seriam utilizados conforme

a quantidade de alunos presentes, além de organizar listas para reposição de estoque para semana seguinte.

Destaco também a importância do meu pai, pois, mesmo não tendo concluído seus estudos, sempre incentivou a estudar, e por meio de seus conhecimentos empíricos ele ajudava de forma indireta nesse processo, sempre que podia eu e meus irmãos o acompanhamos na plantação, no mês de fevereiro. Com muita atenção, olhávamos atentamente quantos caroços de milho e feijão deveriam ser colocados para que pudessem nascer, para que assim logo depois pudéssemos ajudá-lo.

Dessa forma, percebo que meu processo de alfabetização e letramento não se construiu apenas na escola, mas em casa, na roça, ou seja, no meu meio social e nas experiências vividas, e que cada pessoa contribui para educação seja de forma direta ou indireta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões apresentadas, compreende-se que a alfabetização e o letramento constituem processos essenciais e indissociáveis na formação integral do sujeito, especialmente nos anos iniciais da escolarização. Nesse sentido, evidencia-se que alfabetizar não se restringe ao ensino do sistema de escrita alfabética, mas envolve a possibilidade do aluno compreender e utilizar a leitura e a escrita em diferentes contextos sociais. O letramento, por sua vez, amplia essa perspectiva ao inserir o indivíduo nas práticas sociais que envolvem a linguagem escrita, contribuindo para sua participação crítica e consciente na sociedade. Dessa forma, ambos devem ocorrer de maneira articulada, favorecendo a formação de sujeitos autônomos, reflexivos e capazes de intervir em sua realidade.

A partir da conexão entre os relatos de experiência e o referencial teórico apresentados neste estudo, evidencia-se que o processo de alfabetização e letramento não se limita ao ambiente escolar, sendo também construído nas interações sociais, familiares e culturais ao longo da vida. As memórias analisadas demonstram que, mesmo em contextos marcados por práticas tradicionais, as experiências sociais e o apoio familiar contribuíram significativamente para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, bem como para a construção de sentidos sobre o uso da linguagem.

Além disso, os relatos evidenciam a importância do professor como mediador do processo de aprendizagem, ressaltando a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem os conhecimentos prévios dos alunos, promovam a reflexão e estabeleçam relações entre o conteúdo escolar e a realidade dos educandos. Assim, o processo de alfabetização torna-se mais significativo, favorecendo não apenas a aprendizagem da leitura e da escrita, mas também o desenvolvimento do pensamento crítico.

Portanto, o objetivo deste estudo foi alcançado ao analisar as aproximações e distanciamentos entre alfabetização e letramento, evidenciando a necessidade de práticas educativas que integrem esses processos. Reafirma-se, assim, o compromisso com uma educação voltada à formação de sujeitos críticos, conscientes e participativos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1990.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 43. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

INEAD. **Alfabetização e letramento**. Instituto Nacional de Ensino a Distância. [s.l.], [s.d.].

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.